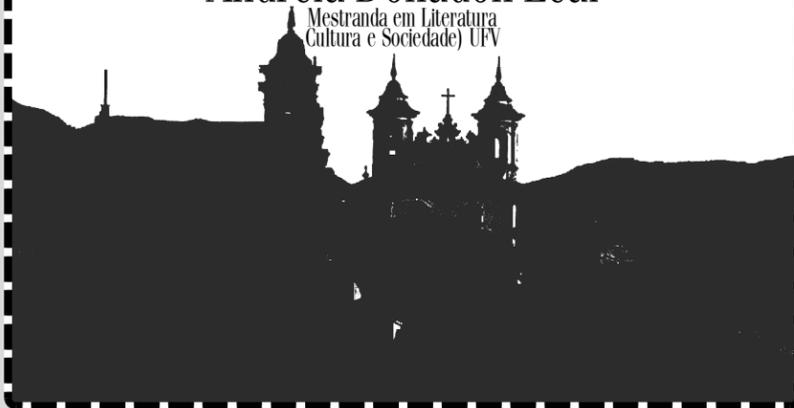


Mariana – Cidade Cidadã

Andreia Donadon Leal

Mestranda em Literatura
(Cultura e Sociedade) UFV



É necessário refletir sobre o estereótipo pejorativo, empregado por alguns, para alcunhar pessoas não nascidas na Matriz de Minas. Já li e já escutei alguns Marianenses chamarem os “não nascidos aqui” de forasteiros. Os “forasteiros” são aquelas pessoas que escolheram ou optaram viver na nobre e majestosa Mariana. Não sei o número exato de indivíduos oriundos de outras cidades, de outros estados ou de outros países que vivem atualmente neste Município Tricentenário. Por certo, o número de “forasteiros” residentes neste solo histórico e cultural, deve ser maior que o de Naturalidade Marianense.

A aversão a pessoas ou às coisas estrangeiras, também, é conhecida como Xenofobia. O termo é de origem grega e se forma a partir das palavras “xénos” (estrangeiro)

e “phóbos” (medo). Geralmente, a Xenofobia caracteriza-se como preconceito ou doença, com transtorno causado por medo compulsivo do “desconhecido”; discriminação, intolerância e aversão por aqueles que vêm de outros lugares com diferentes culturas. No entanto, nem todas as formas de discriminação étnicas e culturais, preconceituosas e discriminatórias são consideradas como Xenofobia, mas costumes dos quais nomeio e caracterizo como “provincianismo”, atraso cultural e desconhecimento da noção de mundo globalizado. Exemplifico o “atraso cultural”: o costume de desqualificar, desconsiderar ou desprezar atividades culturais bem sucedidas de grupos ou de pessoas, que divulgam o nome e enriquecem a cidade; o costume de destacar, anunciando publicamente, em alto e bom tom, de que fulano ou beltrano não nasceu no Município (não importando se o indivíduo reside há décadas na cidade; é eleitor; paga seus impostos, etc.).

Vivemos num mundo globalizado, e isso é irreversível! Foi essa tendência pela globalização que proporcionou a descoberta do Brasil e, 200 anos depois trouxe paulistas, portugueses, africanos para iniciarem a construção desta cidade tricentenária. E esse mundo globalizado e sem fronteiras nos facilita a vida. É esse mundo globalizado que moderniza a economia, com a entrada de produtos importados mais baratos e de melhor qualidade, aumentando também a disponibilidade de produtos nacionais com preços menores e de mais qualidade. É nesse mundo globalizado que temos que aprender a conviver com pessoas de outras culturas, de outras etnias, de outras cidades, estados, países, etc. É esse mundo globalizado que nos proporciona acesso a outros meios de transporte e de telecomunicações, diminuindo a distância para a realização de viagens entre continentes. É graças a esse mundo globalizado, que a notícia nos chega aos olhos e ouvidos em tempo real.

Imaginem o mundo sem os produtos importados, sem novas tecnologias e sem avanço das telecomunicações. Imaginem se, em nome do “provincianismo”, dos costumes mais prístinos do mundo, do preconceito e da discriminação, experimentassem “expulsar” todos os “forasteiros”, independente do tempo que vivem em Mariana. Imaginem a cidade se, expulsassem todas as empresas de fora. Imaginem a cidade se expulsassem todos os trabalhadores de fora. Imaginem a cidade se expulsassem todos os professores das universidades e alunos que vieram de fora. Imaginem a cidade se expulsassem todos os escritores e artistas que vieram de fora e, finalmente, todos os que não nasceram e foram registrados em Mariana.

Como disse, anteriormente, o número de “não naturais” residentes neste Município é muito grande. Paris, capital da cultura e da literatura, por exemplo, é espaço mais autônomo e livre do mundo, pois segundo Casanova “a emancipação [] é provocada pela “desnacionalização”, ou seja, aquele espaço francês vai se impor como modelo, não como francês, mas como autônomo”. Para Larbaud (um dos grandes introdutores da literatura mundial em Paris), “qualquer escritor francês é internacional, é poeta, escritor para toda a Europa e, ainda, para parte da América [...] Tudo o que é ‘nacional’ é tolo, arcaico, baixamente patriótico”. Tomando como base o patrimônio cultural francês, o mais “avançado”, por constituir-se universal, pode-se “tentar”, ainda, que a passos miúdos, deixar de classificar e discriminar os Marianenses que não nasceram em Mariana, pois eles pertencem ao universo que pertence ao mundo que pertence ao país que pertence ao estado que pertence à cidade.

Naturalidade é um conceito distinto do de Cidadania. Quem tem certidão de nascimento Marianense, não tem Cidadania Marianense maior do que qualquer outro Marianense, nascido em outra cidade. Alphonsus de Guimaraens é Ilustre Marianense nascido em Ouro Preto. Quantos bispos, padres, pastores, professores, artistas, comerciantes, estudantes, vindos de outras plagas, dedicaram suas vidas pela valorização de Mariana?

É preciso que o sentido de Cidadania não seja confundido com o provinciano sentido de Naturalidade, para que todos os Marianenses, independentemente de onde tenham nascido, possam ser reconhecidos nos seus esforços de construir uma cidade verdadeiramente cidadã.

Pizzaria e Lanchonete Dom Silvério - Forno à Lenha
 ⇒ RUA SALOMÃO IBRAHIM DA SILVA, 78. CENTRO-MARIANA-MG / Fone: (031) 3557-2475

**TRIBUTO À MAIORIDADE
 DA PIZZARIA - [Acróstico]**

Anicio Chaves
 (Mariana-MG)

Passar-se-ão os anos e eu resistirei.
 Isto é uma filosofia de vida, quase obsessão.
 Zelaremos pela qualidade do produto
 Zelaremos também pela boa recepção.
 Alguém há de notar!
 Resta-nos trabalhar
 Incessante e dedicadamente
 Até o final.

Dom para tal, recebemos
 Orar com fé, oramos e
 Mais orgulhosos seremos.

Sempre haverá dificuldades,
 Incômodos, obstáculos,
 Luta e vitória também.
 Valerá muito à pena!
 E ao cabo de Vinte e Um Anos
 Rios de dinheiro, não ganhamos.
 Inúmeros amigos conquistamos.
 O melhor, ainda está por vir!

Lutaremos
 Todos os dias.
 Desistir, nunca, pois
 Amamos o que fazemos.

ECO/ALDRAVIA 1

gabriel bicalho
 [Mariana-MG]

sol
 soluça
 meio
 morta
 meia
 borboleta

- ALDRAVIAS -

[Ao amigo português,
 Dr. Vitor Escudero]

Andreia Donadon Leal

I
 bons
 ventos
 fluem
 da
 magnífica
 Portugal!

II
 preciosidades
 trazem
 as
 palavras
 de
 Vitor-Escudero!

III
 traços
 pintados
 retratam
 face
 d'alma
 portuguesa

IV
 plenitude:
 culturas
 luso-brasileiras
 entrelaçadas
 pela
 história

V
 descobertas:
 ensinamentos
 aportados
 das
 viagens
 marítimas

VI
 nação
 portuguesa:
 índole
 viajante
 além
 mar

VII
 Portucale:
 cais
 primaz
 do
 espírito
 navegador

VIII
 velas
 portuguesas
 transatlânticas:
 asas
 unindo
 identidades

AO ENCONTRO DE MIM....

Cida Guedes

[Santa Bárbara-MG]

Ouço o barulho da aldrava
 Que insistentemente bate
 Som que me tortura
 Parece dor, parece grito
 grito de liberdade, de abrir portas
 De ver o mundo com um novo olhar
 E a aldrava continua...
 Escondo minha cabeça
 Tapo os meus ouvidos
 Fico em posição fetal
 Escondo-me, mas a alma ouve e solta seu grito
 Alma que não se conforma
 E me confronta
 E me ordena com sua altivez
 então, abro os olhos
 a princípio, temerosamente,
 olho de soslaio para o horizonte
 e vejo a vida que floresce em sua plenitude
 respiro e absorvo com esse novo olhar
 a vida que renasce e sinto
 um sopro da liberdade que me sussurra...
 liberte-se de suas amarras
 liberte-se de tudo que a sufoca
 você nasceu para voar
 solte suas asas!
 Vá buscar seu sonho no horizonte
 lá, o som das aldravas não conseguem chegar...
 lá, está o seu sonho, o seu mundo
 lá, está a sua alma a esperar
 lá, você vai se encontrar...

POESIA VERSUS CIÊNCIA

Lucas Barroso

-- 12 anos -- Estudante -
 - Colégio Santo Antônio -
 [Belo Horizonte-MG]

Para a ciência,
 beija-flor é uma ave que canta.
 Para a poesia,
 beija-flor é um bicho que solta
 um som melodioso para a vida.
 Para a ciência,
 lápis é madeira processada
 que se torna pequeno com a idade.
 Para a poesia,
 lápis é um objeto mágico
 que transforma sonhos
 em realidade.
 Para a ciência,
 coração é um órgão sanguíneo
 e nojento.
 Para a poesia,
 coração é um baú vermelho
 que guarda o mais puro sentimento.
 Para a ciência,
 estar vivo é ter sangue circulando
 e cérebro funcionando.
 Para a poesia,
 estar vivo é sentir, dormir,
 pular, acordar, comer, saber, ser, ter, ver,
 correr, brincar, ler, escrever, ir,
 conversar... Amar...



Computadores, acessórios, manutenção e rede. Fone: 0-31-3832-1462
Av. Castelo Branco, 180-A - Centro - Santa Bárbara/MG.



TRANSAMÉRICA FM 92,5
 (031) 3832-2300 ou (31) 3832-1082
 SANTA BÁRBARA / MINAS GERAIS



Desafios da Linguagem Literária

J. B. Donadon-Leal

Pós-Doutor em Análise
 do Discurso / UFOP

jbdonadon@hotmail.com

Às voltas com os desafios da linguagem literária, vejo-me absorto nas platibandas da emancipação linguística. Um pequeno texto poético é um turbilhão de discursos e inesgotáveis fontes de reflexões tais como as enunciações criativas da infância. Uma criança, por exemplo, torna-se falante quando é capaz de criar as próprias enunciações e, a cada dia, surpreende os adultos com novas e novas formulações de frases e conceitos. É isso, a criança não cria apenas novas frases, cria também novos conceitos. Claro, a fala da criança é poética! A sociedade, no entanto, vai podando a criatividade infantil, que passa a se adaptar aos conceitos consolidados, aos padrões sociais restritivos e repetitivos de procedimentos convencionados. A criatividade e a capacidade de ver além do que se apresenta ao alcance dos olhos é cada vez mais limitada. Instituições de toda ordem passam a controlar as ações e os dizeres de cada um, injetando dados consolidados pelos costumes e acomodando laivos criativos a tecnologias existentes e disponíveis. Muito mais prático dizer que poesia se constrói na rima e no lirismo. Se pedirmos a um cidadão comum que faça um poema, lá virá ele com versos rimados; lá virá ele falar de amor e paixão. Em algum dado momento da história consolidou-se a cultura de que a poeticidade se dá na intercalação de versos rimados, e que verso tem metrificação específica, diferenciada da cadência natural da fala, e que palavras poéticas existem – e são as que expressam apaixonados sentimentos íntimos. Tanto é que no Brasil até haicai se faz metrificando e rimando, a despeito da poeticidade que no haicai se extrai da tematização e do ritmo próprio da natureza da enunciação. Poema rimado e metrificado é traço arcaico da poeticidade, próprio do comportamento alienado de quem não acompanha o fluxo contínuo da evolução cultural. O desafio é convencer a sociedade da necessidade de se erradicar a cultura das podas, das tosquiadas, uma vez que é tão cômodo seguir cegamente às regras... A cultura da punição consolidada nas sociedades contemporâneas tem raízes fortes nas religiões derivadas da crença em um deus punitivo, que mantém os infernos como forma de chantagem, método de adestramento social, que mantém o mal como regra (o pecado original) e o bem como exceção (só aos batizados), sob a alegação primária de que é necessário haver controle sobre o comportamento das pessoas. A educação positiva, de autorização para a livre produção criativa, é sonho distante. A legislação cristã é de foco negativo, a legislação laica é proibitiva, e o costume social é o de resolver problemas pelas vias das restrições – requisitam-se quebra-molas em todas as veredas que permitem desenvolvimento de ações livres. Em maio de 2012, quando a lei do acesso à informação pública entrou em vigor no Brasil, setores dos poderes iniciaram a formulação de estratégias para restringir o conceito de informação pública, para que os porões continuem a gerenciar as costuras das novas leis que prometem restringir ainda mais os direitos já restritos às caminhadas livres. Exemplo claro é o que se pede diariamente como forma de aplicação da tal Lei Seca. Em todos os tempos houve sempre quem infringisse as leis. A esses se aplicam as punições. Em todos os tempos houve quem conseguisse fugir das punições. Esses aguçam a

fúria implacável dos entes das vítimas. E é o clamor das vítimas que retumba como voz determinante pelo endurecimento das penas. E punir é ainda algo parelho ao extremo legado de Talião – olho por olho, dente por dente. Esse clamor apaixonado de entes de vítimas, amplificado por mídias sensacionalistas, leva os legisladores, despreparados e interessados nos resultados de eleições futuras, fazem-se vozes que se transformam em letras de leis exageradas e descabidas. Comportamento mesmo se dá nas ações sociais de vigilância sobre os escritos alheios. A começar pelos ditos doutores em assuntos literários – eles arrotam arrogância em descaracterizar tudo aquilo que não ecoa as presas vozes dos embalsamados pelas elites acadêmicas. Esses continuam a eleger como objetos de estudos apenas os velhos deuses entronados nas idas eras clássicas e se esquecem de que a escrita atual não precisa e não deve ser cópia nem de modelos, nem de esquemas discursivos fósseis. É por isso que no Brasil, não só a literatura, mas as artes, de forma geral, sempre foram cópias de modelos estrangeiros. A pintura de Ataíde é cópia de gravuras de missais; a pintura atual é cópia de paisagens que a fotografia retrata melhor, e os textos literários são cópias de velhas formas europeias. A primeira forma nacional que o Brasil conhece de poesia é a Aldravia. A Aldravia é da linhagem dos Profetas de Aleijadinho, únicos e irreparáveis, não dos seus santos da barroca madeira mal copiados dos tardios barrocos portugueses. A Aldravia é da linhagem dos inventores, sedentos por novidades, e não da dos navegadores, afeitos só pelas conquistas das invenções alheias. Todos os que ousam inventar esbarram em obstáculos interpostos pelos gestores das regras sociais, que insuflam as massas para, em coro, fazer cessar os investimentos nas novas descobertas. Alegam questões morais e éticas; alegam que a exposição de certos comportamentos humanos universais é imoral – tais como os dos impulsos sexuais e a descrença ao deus cristão. Não se trata de apenas tabus, mas de controle sobre a expressão e desrespeito às salutares diferenças. Salutar é poder perguntar, à maneira infantil, sem amarras, qualquer coisa sobre a qual repouse dúvida. Pesaroso é responder como adulto, cheio de nove-horas, cheio de dedos, para cumprir convenções, para adestrar segundo as regras formuladas pelos legisladores reféns das vozes fragorosas dos entes de vítimas, sedentas de punição extrema. Salutar é poder dizer, sem restrições de qualquer ordem, qualquer coisa, a qualquer pessoa, sabendo que se pode ouvir algo em oposição integral. Pesaroso é não ouvir o argumento de contraposição, mas a execração porque a proposição inicial não é congênere. Os desafios da linguagem literária vão para muito além da metapoética. Os desafios são os de ser, sem restrições, a expressão da liberdade, sem fôrmas e sem a pudicícia própria das ordens hipócritas que vigiam e punem aqueles que não desejam rezar nos velhos catecismos que continuam a aprisionar almas a falsas promessas de paraísos celestiais, esses que foram retirados de livres textos literários da antiguidade e, de ficção, foram elevados à categoria de verdade metafísica. O custo pela aquisição desses paraísos é a perda da perspectiva de vida livre, que transforma possíveis promissores literatos em pregadores de dogmas e obras literárias em catecismos.

âncora 29

gabriel bicalho



duas garrafas do mais fino vinho deveriam ter curado os males do malogrado amor pois ele parou bem defronte olhos nos olhos e viu que a face do espelho refletia a face explícita da pura melancolia quando alguém certamente observou que aquele homem de pudicos e magos requintes discretamente sorria sorriso enigmático de gioconda louca e depois saíra do bar para a fria madrugada indo embora convicto de que se tornaria mais um insólito poeta que brilha só inútil estrela na constelação das letras: que amarga verdade se degusta agora no rubor de um vinho?

Do livro: "âncoras flutuantes"
 Autor: gabriel bicalho / Edição: 2011

ECO/ALDRAVIA 2

gabriel bicalho
 [Mariana-MG]

seca
 sob
 o
 sol
 crespas
 vespa





Dra. ANA MÁRCIA M. S. ARAÚJO
CROMG 33939
Telefone: (31) 3557-1415
Rua Frei Durão, nº 176 - Centro/Mariana-MG



CAOS URBANO

J. B. Donadon-Leal
 [Mariana-MG]

ruas integrais
 derivadas de sóis
 formam paralelas
 e se encontram bem ali
 diante dos nossos olhos
 úmidos de fuligem

é a cidade
 no seu caos
 saturada
 de nós

A DANÇA DO VENTO

Vilma Cunha Duarte
 [Araxá-MG]

Quieta no meu cismar
 Vejo as artes do vento
 Que assobia que dança
 Na coreografia tão sua
 De provocar natureza

Acorda dia preguiçoso
 Refrescado com orvalho
 De beijos da noite amante
 Venta setembro calorento
 Desflorando a primavera

Tomba frutos condenados
 Levanta braços de árvores
 Sopra voraz folhas mortas
 Dançando ballet diferente
 Para quem sente a poesia

O vento ousado toca-me
 Acariciando lembranças
 Acordando as saudades
 Dormideiras no coração
 Abraçadas no meu amor

CARÊNCIA

Thereza Costa Val
 [Belo Horizonte-MG]

Vagando pelas ruas, o menino,
 sem esperança, sem palavra amiga,
 não sabe o que esperar de seu destino
 nem sabe se algum dia a paz consiga.

Conhece o sofrimento, o pequenino:
 a dor, o desabrigo, o mal, a intriga,
 e a fome sempre o traz em desatino...
 E por viver com fome, ele mendiga.

Pobre criança entregue à própria sorte
 que a vida leva em luta contra a morte,
 seguindo o que, da rua, a lei ordena!

Como ser bom se a sorte não ajuda!...
 Ele só quer, na sina que não muda,
 ganhar de alguém carinho... em vez de pena!

AS ÁGUAS DA NOITE

Márcio Almeida
 [Belo Horizonte-MG]

20% do beijo, meu amor, são água,
 úmido desejo a ensalivar os cristais
 da boca – esse mar que enxágua
 no prazer os rios férteis dos mortais.

A vida é água na nascente que sua bolsa
 vai estourar na história. Líquida ou preta,
 Bic azul ou Diplomática, a escrita dessas lousas,
 minha louça, são aquáticos delírios de caneta.

Tudo é água quando o amor faz suar a cama,
 o termômetro do verão, a fornalha em cor debrum,
 é o molho o que lhe faz mulher ou dama,
 ou a água de cheiro do seu corpo quando nu.

Cercado de águas por todos os lados, amor é ilha,
 e deixamos que o quarto naufrague nas ondas dos cabelos
 cheias de oásis, de dunas e de trilhas
 encharcando o cio com a sede dos camelos.

E quando morrer de amor o amor que entornou vida
 pelos poros dos lençóis e a barra das anáguas,
 nós iremos semear o pão do corpo com a lida
 para as noites de lua colher com as suas águas.

MENTE QUE MENTE

Jaqueline Antunes
 [Mariana-MG]

É mentira
 que o amor acabou
 que a guerra venceu
 que o homem calou
 a injustiça.

É mentira
 que o dia não chegou
 que o canto cessou
 que a esperança se desfez
 na criança que brinca.

É mentira
 que o pão é para todos
 que a palavra é livre
 para a gente deste país.

É mentira
 que o político deseja
 fazer da justiça
 sua obra primeira
 para mudar o mundo.

Brasil:
 leite derramado
 pela cobiça
 e sacanagem
 dos patetas
 no poder
 de mente falha
 que mente.

Queimaram as matas
 levaram o ouro
 o céu ficou cinza
 o sonho do homem
 ainda é a última
 esperança
 de vida
 da gente
 BRASIL.



MC festas & eventos
Ofereça o que há de melhor para seus convidados / MARIANA/MG.

TRABALHAMOS COM FESTAS EM GERAL

FONES:

⇒ 3557-1883

⇒ 8841-1883

⇒ 8757-1883

PONTO DE INTERROGAÇÃO

Amélia Luz

[Pirapetinga-MG]

Estou no ponto e
 estou sempre pronto
 para procurar, pesquisar,
 descobrir, o meu ponto,
 o tal, chamado ponto de apoio...
 Abro o olho, arrepio,
 escancaro o coração
 acendo as luzes da alma.
 Onde estará aquele ponto?
 Aquele verdadeiro,
 que eu procuro
 o ano inteiro!
 Quanto desencontro!
 Afronto, confronto,
 monto um esquema
 para achar o ponto, o do meu equilíbrio,
 aquele vertical que me faz crescer
 e alcançar as estrelas...
 Tonto, escrevo um conto,
 alinhavo, passo o pesponto!
 Encontro afinal
 o ponto abissal
 que me situa entre o bem e o mal...
 Agarro o ponto de partida,
 a coragem, a iniciativa,
 a ignição da minha vida!
 Saio por aí correndo,
 transpirando velocidade,
 a milhas e milhas por hora!
 Volto, não durmo no ponto,
 assino o ponto do dia,
 (que correria!)
 mas ainda há tempo
 para as minhas fantasias,
 o meu ponto fraco!!!

SOL DE INVERNO

Auxiliadora de Carvalho e Lago

[Belo Horizonte-MG]

Interrompendo
 a hibernação,
 o astro-rei
 surgiu no céu
 bem animado
 e brincalhão...
 Todo assanhado,
 tocou
 o verde do mar,
 que ficou
 “damasquinado”...
 Beijou
 a areia molhada,
 que ficou
 toda queimada...
 Corou
 a pele de Rosa,
 que ficou
 toda rosada...
 Tostou
 a pele de Rita,
 que ficou
 toda irritada...
 Dourou
 a pele de Dôra,
 que ficou
 toda dourada...
 Antes, mesmo,
 de se pôr,
 fez a lua
 prateada,
 para cobrir
 toda a praia
 com uma noite
 enluarada.

FALAR DE AMOR

Carvalho Branco

[Rio de Janeiro-RJ]

Falar de amor...Com que voz?
 Com os lábios de Iracema?
 Com o silêncio dos sós?
 Com o escuro do cinema?
 Com os versos de um poeta?
 Ou com paixão bem concreta?

Falar de amor sob a lua
 que acoberta enamorados...
 Dizer “meu homem, sou tua!”
 e viverem abraçados...
 Será sonho de verão?
 Será quimera, ilusão?

Falar de amor, madrugada,
 voando os dois pelo éter,
 vivendo nessa escalada,
 sonhos de amor de Deméter...
 Quando vem chegando aurora,
 a solidão os devora!

Falar de amor?... Compaixão!...
 Amor é pra ser vivido,
 se sentido em coração...
 De palavras é despido,
 não é meio de expressão,
 ele é todo doação!

Falar de amor, eu me atenho,
 amor é fonte da vida;
 é chama, é aceso lenho,
 que aquece e nos dá guarida.
 Vão-me as palavras ao vento,
 mas amor é por Deus bento!...

ALDRAVIA

Tânia Meneses

[Aracaju-SE]

quero
 ser
 teu
 único
 verso
 poesia

ALDRAVIA

Marcoliva

[Florianópolis-SC]

aldravia
 haikai
 nao
 sei
 quero
 mais

ALDRAVIA [21]

JSFerreira

[Mariana-mg]

deu
 chilique
 na
 imagem
 da
 tv

ALDRAVIA [XXV]

Goretti de Freitas

[Ipatinga-MG]

o
 vento
 engoliu
 meus
 suspiros
 silenciosos



Eletropolly Ltda.

Fone: (31) 3557-2787

Rua 16 de julho, 334 - Centro - Mariana/MG

Eletropolly Ltda.

Fone: (31) 3557-2787

Rua 16 de julho, 334 - Centro - Mariana/MG

Eletropolly Ltda.

Fone: (31) 3557-2787

Rua 16 de julho, 334 - Centro - Mariana/MG

POSTULADO DAS PARALELAS: Formalismo, Recepção, Aldravismo /// (Conclusão) ///

Prof. Dr. José Luiz Foureaux de Souza Júnior
Pós-doutor em Literatura Comparada

Embora o enunciado do quinto postulado não fale diretamente em linhas paralelas, ele é também conhecido por “postulado das paralelas”. Nos Elementos, de Euclides (salvo engano meu!) as linhas retas paralelas são definidas como linhas retas que estão no mesmo plano e, se prolongadas indefinidamente em ambas as direções, não se encontram em nenhuma delas. Transpondo para linguagem corrente, pode-se considerar que a definição diz que retas paralelas são retas definidas no mesmo plano que não se intersectam. No âmbito da geometria euclidiana, é impossível demonstrar a 29ª proposição sem o quinto postulado:

Proposição 29 - uma linha reta que corta duas linhas retas paralelas faz os ângulos alternos iguais entre si, o ângulo externo igual ao ângulo interno oposto e a soma dos ângulos internos do mesmo lado igual a dois ângulos retos.

A demonstração desta proposição é talvez a primeira relação do postulado com o paralelismo (até porque a 29ª proposição é a primeira em cuja demonstração este postulado é utilizado). Foi por aqui que enveredaram alguns dos matemáticos que tentaram demonstrar o quinto postulado (como Ptolomeu). Contudo, ao provarem corretamente esta proposição tinham de necessariamente utilizar um postulado equivalente ao quinto. Esta dificuldade em demonstrar a 29ª proposição sem o quinto postulado foi incorretamente ultrapassada, com a utilização de uma definição especial de paralelismo. Para Possidônio (século I AC), linhas paralelas são linhas num único plano que não convergem nem divergem, mas têm todas as perpendiculares, desenhadas dos pontos de uma para os da outra, iguais (Proclus, séc. V, 176.5-176.11). Isto é, duas retas são paralelas se forem equidistantes, ou seja, se a distância medida numa qualquer perpendicular de uma delas for sempre igual, independentemente da perpendicular escolhida.

À primeira vista, muitos dirão que esta nova definição nada tem de errado e que, de fato, duas retas não se intersectam se e somente se estiverem sempre à mesma distância. Contudo, se não for suposto o quinto postulado, isso não se verificará, ou seja, será possível haver retas que não se intersectam, mas que não são equidistantes. Para infortúnio dos que recorreram a esta definição, ou a uma similar, para demonstrar o quinto postulado, afirmar que retas paralelas são equidistantes é equivalente a afirmar o próprio quinto postulado de Euclides.

Apesar de acreditar na demonstrabilidade do quinto postulado, Proclus percebe que a definição de paralelismo de Possidônio não é correta e refere à existência de linhas que se aproximam cada vez mais, mas não se chegam a intersectar. Ao longo da História, vários matemáticos voltaram a insistir em definições de paralelismo deste tipo e, com base nesse erro, foram propostas várias demonstrações do quinto postulado.

Todo este raciocínio parece absoluta e radicalmente distanciado do fazer poético. Pode haver controvérsias. Se, enquanto se lê o desenvolvimento da argumentação, se pensar numa outra definição – a de espaço – é possível aceitar a hipótese de similaridade entre o axioma matemático e o fazer poético. Em segundo lugar, adicionando à consideração do espaço a de aldravismo, o mesmo raciocínio ganha em consistência. Em outras palavras, tome-se por pressuposto a ideia de que Formalismo russo e Estética da recepção são as duas retas consideradas por Euclides (num mesmo plano). Assim, no primeiro texto que escrevi a respeito, a ideia de um ponto de fuga ganha consistência. Em matéria poética, as “certezas” – ditas cientificamente provadas –, não cabem. O aldravismo pode, então, ter como um de seus axiomas a ideia de que constitui um ponto de fuga entre o Formalismo russo – e seu ideário teórico acerca do “desvio” da linguagem – e a Estética da recepção – que aponta o leitor como sujeito “final” no processo de construção de sentido.

O desvio da linguagem constitui-se aqui a partir da quebra da obediência cega – ou nem tanto – às “regras” que o fazer poético imortalizou e que continuam sendo revisitadas em todas as experiências que tomam lugar no cenário da cultura linguística. Por outro lado, pensar que uma ideia se corporifica em texto, sem que a dinâmica e orgânica intervenção do leitor catalise as reações necessárias à construção do sentido, é prova cabal de incompetência intelectual. Peca, por falta de inteligência, quem negar esses dois princípios. Confesso que a radicalidade da afirmação é, em si mesma, já, um exercício aldráxico de crítica. A interpretação fica por conta do estímulo causado nas retinas que acompanham estas linhas... Se não, vejamos:

Diário-poesia

Deia,
a lua da sombra
que se recusa a brilhar
é lua de sonhos

(J.B. Donadon-Leal, Mariana, 30/07/2011)

À primeira vista, o poema não oferece dificuldade. À parte o fato de haver apenas um sinal de pontuação – e penso que esta vírgula é tudo –, o que faz com que o poema ganhe em certa originalidade, nada mais contribui para que a idiosincrasia do poema seja matéria de sofismas. No entanto, num primeiro passo, o leitor poderia resvalar na falácia do convite, feito pelo próprio poema, para ser lido como um “aviso” ou pedido feito ao sujeito nomeado para “enxergar” alguma coisa quando da observação do luar. No entanto, sublimando o salto do vocativo, o poema pode ser lido como descrição do mesmo sujeito. Ou seja, “Deia” deixa de funcionar como “sujeito” da evocação para ocupar o lugar de objeto e nisso não vai nenhuma redução. Pelo contrário, o poeta alteia o sujeito ao patamar de objeto de sua consideração. Em outras palavras do aviso, o poeta leva o leitor a pensar em ode amorosa, não por substituição, mas por contiguidade.

O princípio aldráxico elege a metonímia como movimento essencial de sua poesia. Esta tese é demonstrada pelo poema em questão, dado que a descrição do objeto de desejo, nomeado, se faz através de aproximações entre imagens e percepções aparentemente alheias a este mesmo objeto, mas que, ao fim e ao cabo, o colocam no centro da elocução. Ora, a “descrição” da mulher amada não é feita pela substituição de seus traços pela comparação destes com os similares encontrados, pelo poeta, no satélite. Assim, no lugar de demonstrar, substitutivamente, que o amor do poeta se diz por metáforas que se espraiam pelos quatro versos do poema. Este, por sua vez, tende ao infinito, dado que o poema não tem fim: a ausência de ponto final é disso sintoma mais que evidente.

O que estou dizendo é que, neste caso, o leitor é quem “determina” o sentido do poema, como acabei de demonstrar. Esta demonstração não tem como objetivo “comprovar” uma tese inerente ao poema, intrínseca, pré-estabelecida pela voz poética. A intervenção da leitura que faço é que constitui o pilar de sustentação do sentido que esta mesma leitura. Nesta entorse é que se encontra a proposição de um dos dois

CONTINUA NA PÁGINA 07...

CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO ➔ FONE: 3557-1130 ➔ ➔ ➔
Dras. ELIANE e REJANE BRANDÃO /// RUA ZIZINHA CAMELO, 06 // Sala - 04 = MARIANA/MG.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 06...

pressupostos da hipótese que defendo: o de localizar o exercício poético do aldravismo na dinâmica da leitura, como obrigação. Sem este esforço do leitor, o poema cai na mesmice dos metafóricos voos que a poesia já em alçado através dos tempos.

Poema XIX

varrer cinzas
 arrancar tocos
 juntar gravetos
 fazer fogueira
 clarear!
 acender...
 manter aceso
 em nós o amor...

(Liberato Santos, Mariana)

Neste poema, o movimento se dá em outra direção. Ao contrário do primeiro, os sinais de pontuação não instauram ambiguidade, mas estabelecem o ritmo do movimento das ações descritas. Também diferentemente, a descrição não se restringe a um objeto – ainda que sua imagem seja evocada no vocábulo “fogueira”. O que de fato interessa é o movimento para a construção da fogueira e não ela mesma. Assim, com esta índole, nota-se também que a orientação metonímica prevalece, muito em função dos verbos em sua forma infinitiva. É esta forma que instaura o ideia de infinitude do amor, já indiciada por outro verbo: “manter”.

Outro aspecto interessante a destacar é a disposição dos versos. A “novidade” que pode ser considerada não tão nova, remete, em certa medida a certas experiências van-guardista do final do século 19 e início do 20. A disposição cria ambiência visual do objeto “descrito”, sem necessariamente limitar a visão do leitor. Em outras palavras, se estiver atento, o leitor vai operar com esta imagem implícita, na construção do discurso poético que o induz a pensar no amor como objeto descrito pelo texto do poema. Assim, neste caso, a redutora subjetividade do convite expresso pela sequência de formas verbais infinitivas, arrasta o leitor ao ritmo da superposição das ações a que é convidado a pensar, não como indivíduo, mas como “espécie”. O “efeito” do infinitivo tem esse poder! Mais uma vez o alerta do parágrafo imediatamente anterior a este segundo poema continua valendo...

Infinitude. Penso ser esta uma palavra-chave para a proposta aldravista, considerada na perspectiva das paralelas como aqui exposto. Penso que se pode pensar que a ordem dessa palavra está na inabalável crença na

imutabilidade. A infinitude é manifestação que pertence à ordem divina e não humana. Neste aspecto, o fazer poético aldravista inscreve-se no espaço mítico que costuma estar associado à própria concepção de poesia, através dos tempos, sem limitar-se a ele. Por esse motivo, permitiu-se, a partir do imaginário social, que as pessoas pudessem crer nos planos traçados – ainda que desconhecidos. Este desconhecimento é que faz da poesia aldravista um campo de especulação estética quenão se pode desvincular absoluta e totalmente do universo já instaurado, mas pode, simultaneamente, vencer estes limites quando elege a metonímia como força motriz.

Entretanto, essa ordem suprassensível, imutável e inabalável ganhou, dentro da perspectiva humana, um oponente admirável: a falibilidade intrínseca ao sujeito. Na medida em que se vive num universo multifacetado, em que a comunicação se faz cada vez mais ligeira, automática mesmo, a profundidade dos olhos e emoções alheias, a infinitude se perde no “mundo líquido”, para usar a metáfora de Zigmud Balman. As relações de sentido são frágeis por natureza, pois seguem o impulso do desejo do sujeito que as articula. Assim, numa espécie de jogo contínuo, sem fim, a poesia aldravista redinamiza o fazer poético na perspectiva de uma “modernidade” que não se quer vetor de orientação único. Ao contrário, ao abrir mão da “autoria” – por que, afinal de contas, essa questão está presente na discussão subliminar a este mesmo fazer – o aldravismo em sua poesia (favor verificar o caminho etimológico deste termo para acompanhar com mais consistência a veracidade de minha afirmação) redimensiona a noção de sentido, ele mesmo. Por outro lado, não se pode deixar de reafirmar a herança cultural, quase genética, com que a poesia é marcada, qualquer que seja sua orientação e/ou proposta. Assim não fosse, Harold Bloom teria dito coisas instigantes em vão, mas este é assunto para outra oportunidade...

ECO/ALDRAVIA 3

gabriel bicalho
 [Mariana-MG]

salto
 de
 sapo
 morre
 no
 asfalto

ACADEMIA DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES DE PONTE NOVA – ALEPON

CONCURSO LITERÁRIO Prêmio “Professor Mário Clímaco”

1º) – A Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte

Nova – ALEPON, fará realizar o VII CONCURSO LITERARIO - Prêmio “Prof. Mário Clímaco”, que constará de duas categorias – Poesia e Crônica, de âmbito nacional.

2º) – Podem concorrer pessoas de ambos os sexos, com a idade mínima de 15 anos completos até a data do encerramento das inscrições.

3º) – As inscrições, gratuitas, estarão abertas a partir de 1º / 03 / 2012 e se encerrarão em 10 / 08 / 2012, valendo o carimbo do correio. Os membros da ALEPON não podem concorrer.

4º) – Nas duas categorias os trabalhos, com TEMA LIVRE, deverão ser de até 2 (duas páginas), em papel A4, fonte 12, Times New Roman ou Arial.

5º) – Para inscrever-se, basta que o concorrente envie até três trabalhos inéditos, de sua autoria, em cinco vias, datilografados ou impressos em computador (não serão aceitos manuscritos), além de CD contendo os trabalhos, para a Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova – ALEPON, Rua Cantídio Drumond, 92 - sala 1 - CEP 35430-001 – Ponte Nova (MG).

6º) – Será usado o sistema de envelopes: o maior, com o endereço da ALEPON e do remetente, conterá os trabalhos, com o pseudônimo do autor (o mesmo para cada trabalho) e o envelope menor, devidamente lacrado; o menor guardará a identidade do concorrente: nome, RG, CPF, endereço completo, telefone e data do nascimento (ou a declaração: “Tenho mais de quinze anos de idade”), além de data e assinatura.

7º) – Os vencedores receberão medalhas e diplomas. A critério da comissão julgadora poderão ser concedidas até 3 (três) menções honrosas. São irrecorríveis as decisões dos julgadores.

8º) – Os 10 (dez) primeiros classificados poderão ter seus trabalhos publicados no Informativo ALEPON, publicação autorizada, automaticamente, com o ato da inscrição, sem direitos autorais, assim como os demais participantes.

9º) – Os membros da Comissão Julgadora serão designados pelo Presidente da ALEPON, anunciados somente na data da divulgação dos resultados do concurso, uma vez que seus nomes ficarão em sigilo.

10º) – O resultado do Concurso será divulgado na Sessão Solene comemorativa do aniversário de Ponte Nova, no dia 26 de outubro de 2012.

OBS. – Outras informações poderão ser obtidas pelos telefones 3881.1697 -3881.3455 e 38812663.



TORNEAMENTOS MARIANA LTDA
Rodovia dos Inconfidentes, KM 108 - Bairro São José - MARIANA-MG

Telefones:
(31) 3557-2126
(31) 3557-1783



Uma casa tricentenária em Mariana

Maurílio Camello*

“Veio o bairro de Santana de 1711, quando ali construiu a primeira casa o ex-secretário de Artur de Sá, José Rabelo Perdigão, que ficou nas Minas e foi mestre-de-campo, depois juiz ordinário da primeira câmara eleita em 1711”. É nesses termos que o historiador Salomão de Vasconcelos passou à sua geração, em 1947[1], a informação sobre a origem de um dos primeiros bairros e a notícia da primeira casa tricentenária de Mariana. O bairro nasce com uma construção civil, que precedeu de nove anos a bela igreja de Sant’Ana, o casarão que ficou com o nome de Casa dos Primeiros Secretários. E para não deixar dúvidas, o historiador continua: “Nessa data obteve ele o terreno ali, na junção do córrego Lavapés com o Ribeirão do Carmo, e ergueu a sua chácara, então chamada de Bananal (...) Que essa vivenda em 1713 já existia, vê-se do Liv. n. 1 de Foros e das notas do tabelião Garcia Gomes Pilo, página 71, pois em 1713 pertencia ela já ao secretário de D. Brás Baltazar da Silveira que era nessa data governador da capitania. Passou depois à propriedade do secretário do Conde de Assumar, Domingos da Silva, em 1720, indo ter finalmente às mãos do capitão dos Dragões, José Rodrigues de Oliveira, como tudo se vê dos livros citados” (p.61).

A casa construída por José Rabelo Perdigão está de pé, testemunhando, desde o primeiro momento, a histórica criação da Leal Vila do Ribeiro do Carmo, em 8 de abril de 1711, pelo Governador Antônio de Albuquerque. Tem uma frente larga, com cinco janelas e uma porta, todas em arco, como é frequente nas casas coloniais. O acesso à porta é feito por uma escada de pedra arredondada, com três degraus. No interior da casa, além de três salas, há vários quartos, uns dando para os outros, como

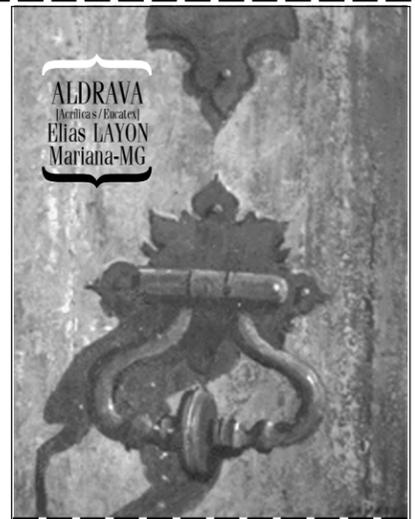
é de praxe também nessas moradas antigas. À exceção dos quartos de hóspedes, que deviam ficar separados.

Comprada por Torquato Camêllo, o Catinho, a 7 de maio de 1951. Dessa data em diante, a família tem feito o possível para conservar o imóvel, com todas as dificuldades sabidas, pois o tempo se encarrega das pingueiras, das quedas de reboco, das ripas e caibros que apodrecem, e dos cupins, esses silenciosos e atívisimos inimigos da História. A Casa dos Primeiros Secretários, uma das primeiras de Mariana e de Minas, encontra agora um poderoso agente adverso mais forte que todos os outros: o trânsito pesado de caminhões e carros que sobem e descem a ladeira de Santana, fazendo tremer as vetustas paredes e já provocando rachaduras internas. Se não se toma alguma providência nesse sentido, o belo monumento do século XVIII está condenado. Como pode acontecer com a linda Capela de Sant’Ana, que assiste do alto, impotente, à incuria dos homens,

E é uma pena. A Casa Tricentenária dos Primeiros Secretários documenta o tempo, a longa passagem das gerações, com suas lutas, alegrias e dores, e muitos acontecimentos que deram origem à mineiridade. Se o tempo é a medida da alma, como atestaram antigos filósofos, de modo que sem a alma não haveria tempo, na Casa habita poeticamente a alma de Mariana e de Minas. De lá ela nos fala.

*Doutor em História Social, Professor aposentado da UFMG, Professor de Filosofia Antiga e Medieval na Faculdade Dehoniana de Taubaté

[1] VASCONCELOS, Salomão de. Breviário Histórico e turístico da Cidade de Mariana. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1947.



Leia:

Ponto de Distribuição do
Jornal Aldrava Cultural:
Escritório de Advocacia
Roque Camêllo
Rua Guajajaras, 43
Conjunto 104 - Centro
Belo Horizonte - MG
Fone: 3273-9080
(Das 12 horas às 18 horas)

Jornal Aldrava Cultural

[Contatos]

GABRIEL BICALHO
gabicalho@terra.com.br

ANDREIA DONADON LEAL
deidonadon@yahoo.com.br

J. B. DONADON-LEAL
jbdonadon@hotmail.com

J.S.FERREIRA
jsferreira@bol.com.br

Expediente:

ISSN 1519-9665

ALDRAVA
CULTURAL

EM CIRCULAÇÃO DESDE
NOVEMBRO DE 2000

E-mail: jornalaldrava@bol.com.br
Site: www.jornalaldrava.com.br

Editado por:
ALDRAVA LETRAS E ARTES
CNPJ 04.937.265/0001-71

Presidente:
GABRIEL BICALHO
Vice-Presidente:
J.S.FERREIRA
Secretária:
HEBE RÔLA
Diretor de Arte:
CAMALEÃO
Diretora de Projetos:
ANDREIA DONADON LEAL
Conselho Editorial e Fiscal:
J. B. DONADON-LEAL III (Presidente) ///
ANDREIA DONADON LEAL
GABRIEL BICALHO
GERALDO REIS
HEBE RÔLA
J.S.FERREIRA
JOSÉ LUIZ FOUREAUX DE SOUZA JR.
Tesoureiro:
J.S.FERREIRA
Jornalista Responsável:
THIAGO CALDEIRA DA SILVA
Reg. Profis.: DRT-MG - 13894/MG
Assessor Jurídico:
GERALDO REIS
Assistência Contábil:
SERVCON - Serviços Contábeis
Webmasters:
RODRIGO MAGNO CAMELO REIS
MÁRCIO JOSÉ BARROS

Endereço do Jornal:
CAIXA POSTAL Nº 36
CEP-35.420-000 = MARIANA (MG)

Desenho / Igrejas:

LÉLIO

Revisões e conceitos emitidos em artigos,
poemas e colaborações diversas são de inteira
responsabilidade dos respectivos autores.

*** ** *

Desenho: ALDRAVA - José Wash Rodrigues
Impressão: Editora Dom Viçoso - 3557-1233

A ALDRAVA LETRAS E ARTES ENSEJA VOTOS
DE MUTTO PROGRESSO E DE MUITA PAZ
À HISTÓRICA CIDADE ANIVERSARIANTE:
BERÇO DA CULTURA MINEIRA,
PARABÉNS, MARIANA / 316 ANOS!



Foto: "Mariana ao Entardecer" - J. B. Donadon-Leal / 2012

